

O ESTATUTO VARIÁVEL DAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO DOS SÉCULOS XIX E XX

THE VARIABLE STATUTE OF 2ND PERSON SINGULAR IMPERATIVE CONSTRUCTIONS
IN WRITTEN BRAZILIAN PORTUGUESE FROM 19TH AND 20TH CENTURIES

Juliana Sander Diniz | [Lattes](#) | sanderdinizju@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

Márcia Cristina de Brito Rumeu | [Lattes](#) | mrumeu@ufmg.br

Universidade Federal de Minas Gerais (PNPD/CAPES)

Resumo: Neste artigo, apresentamos algumas evidências históricas (séculos XIX e XX) da atual realidade sincrônica variável do imperativo de 2ª pessoa do singular (*vem vs. venha*). Com base em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas redigidas por brasileiros cultos cujos perfis sociolinguísticos (filiação, faixa etária, nível de escolaridade, profissão) foram levantados (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012), comprovamos a preferência dos missivistas cariocas pelas construções imperativas associadas ao subjuntivo, acompanhando a forma nominativa de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular (*você*). Comprovamos ainda que as construções imperativas vinculadas às formas de indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito* (cartas mistas) figuram como contextos de influência intermediária, em termos probabilísticos, na aplicação da regra variável em análise. Isso significa interpretar que as cartas em que também há o *você-sujeito* (*tu/você-suj.*) parecem expor rastros históricos do imperativo abasileirado já em amostras escritas do século XIX como uma repercussão da inserção do *você* no sistema pronominal (cf. LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011).

Palavras-chave: Imperativo gramatical; Alternância *tu/você*; Imperativo abasileirado.

Abstract: In this article, we present some historical evidence (19th and 20th centuries) of the current synchronic variable statute of 2nd person singular imperative (*vem/venha*). Based on personal letters produced by well educated Brazilians from Rio de Janeiro, whose social profiles (affiliation, age group, level of education, profession) were reconstructed (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012), we at-

tested the writers' preference for imperative constructions tied to the subjunctive mode, when the 2nd person singular subject form (*você*) was used. We also attested that the imperative constructions related to indicative forms *tu/você-subject* in contexts of alternation (mixed subject letters) worked, probabilistically, as moderate influence contexts regarding the application of the variable rule analyzed. The interpretation of the letters in which *você-subject* (*tu/você-subj.*) occurs suggest historical traces of the *abrasileirado* imperative even in written samples from the 19th century, as a repercussion of *você* entering in the pronominal system (LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011).

Keywords: Grammatical imperative; *tu/você* alternation; *abrasileirado* imperative.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto, trazemos à discussão a expressão variável das construções imperativas de 2SG (*fala/fale, veja/vê, diz/diga*) em missivas cariocas dos séculos XIX e XX. Considerando que análises linguísticas sincrônicas (SCHERRE, 2007) evidenciaram a expressão do imperativo de 2^a pessoa do singular (doravante 2SG) como um fenômeno cuja motivação é atualmente diatópica no português brasileiro (doravante PB), assumimos que cabe a reconstrução histórica desse fato linguístico em sincronias passadas (1860-1989).

Nesse sentido, partimos do fato de que a motivação geográfica relacionada à expressão variável do imperativo apresenta-se de forma binária com formas verbais no indicativo e no subjuntivo, ainda que não estejam em distribuição complementar entre as formas pronominais *tu* e *você*. Em termos gerais para o PB atual, o cenário de expressão variável do imperativo de 2SG aponta para o predomínio de construções imperativas com o indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) nas regiões sul, sudeste e centro-oeste, de construções imperativas com o subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) no nordeste do Brasil e de equilíbrio entre as duas formas especificamente em Fortaleza (SOARES, 1980), João Pessoa (PEDROSA, 1999) e Salvador (SAMPAIO, 2001; ALVES, 2005). Como evidência de um panorama de simetria entre as formas verbais no indicativo ou no subjuntivo (*deixa vs. deixe, recebe vs. receba, abre vs. abra, dá vs. dê; diz vs. diga, vai vs. vá*), como também apontado por Scherre (2007, p.192-195), temos as construções imperativas recifenses discutidas por Alves (2001). Acrescentemos, tendo em vista as considerações de Loregian-Penkal (2004, p.133) à luz de Scherre (2007, p.193), o predomínio das construções imperativas com o indicativo em contexto de *você-sujeito*, o imperativo *abrasileirado* (“*Vem pra Caixa você também. Vem*”), cf. Paredes Silva *et al.* (2000), no município catarinense de Lages, em consonância com a discussão de Bonfá, Pinto e Luiz (1997, p.10-11). Cabe ainda destacar os estudos precursores tais como o de Faraco

(1982) e de Menon (1984) que se voltaram para o imperativo mesmo que não o tenham abordado a partir do controle de critérios linguísticos e extralinguísticos numa perspectiva sociolinguística *stricto sensu*.

Além do panorama de configuração variável das construções imperativas de 2SG cuja distribuição geográfica já foi comprovada no âmbito do PB falado, consideramos relevante voltarmos o foco também para as evidências históricas do imperativo abrazeirado como uma das consequências da implementação do *você* no seu sistema pronominal, cf. já discutido por Diniz (2018). Nesse sentido, optamos, neste texto, por enveredarmos não só pelos dados de construções imperativas consubstanciadas com o indicativo (imperativo verdadeiro) e com o subjuntivo (imperativo supletivo) como expressão de uma regra variável, mas também pelas evidências históricas das construções de imperativo abrazeirado em missivas oitocentistas e novecentistas.

Uma vez exposto o estatuto variável das construções imperativas de 2SG em sincronias passadas como o tema em discussão neste texto, passamos às questões que o impulsionam. São elas:

- (I) as construções imperativas de 2SG que se deixavam evidenciar nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas mostravam-se mais produtivas com formas no indicativo ou no subjuntivo?
- (II) em contexto de *você-sujeito*, as construções imperativas de 2SG se deixariam evidenciar, já entre fins do século XIX e o século XX, vinculadas, em algum nível, com formas verbais de indicativo?

Com base nessas perguntas propulsoras desta discussão, aventamos as seguintes hipóteses: (1^a) No que se refere às construções imperativas associadas ao indicativo ou ao subjuntivo, supomos que, na escrita culta carioca oitocentista e novecentista, o *você* se mostrasse profícuo nas construções imperativas estruturadas com o subjuntivo, cf. discutido por Rumeu (2016); (2^a) Em relação ao imperativo abrazeirado, conjecturamos que, já no século XIX (cf. Figura 1 correspondente ao excerto 6), seja possível entrevermos traços do uso do imperativo aliado a formas de indicativo em contexto discursivo de *você-sujeito* (imperativo abrazeirado nos termos de Paredes Silva *et alii*, 2000), interpretando-os como uma das repercussões da inserção do *você* no sistema pronominal do PB, cf. Lopes (2007), Lopes e Cavalcante (2011).

Optamos por distribuir esta reflexão em quatro seções. Nas considerações iniciais, circunscrevemos a discussão acerca do imperativo, tendo em vista os objetivos, as questões e as hipóteses. A seguir, apresentamos não só como interpretamos os traços morfossintáticos das construções imperativas de 2SG (CARDOSO, 2006), mas também discutimos os pressupostos teórico-metodológicos no âmbito da sociolinguística histó-

rica (CONDE SILVESTRE, 2007, HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012) norteadores, por sua vez, do processo de constituição de amostras históricas confiáveis às análises linguísticas. Na sequência, apresentamos os resultados gerais das construções imperativas de 2SG, atentando especificamente aos vestígios históricos do imperativo brasileiro nos séculos XIX e XX. Nas considerações finais, chegamos a algumas generalizações relacionadas à expressão variável das construções imperativas de 2SG na escrita culta carioca oitocentista e novecentista.

2 Os traços morfossintáticos das construções imperativas de 2SG: critérios norteadores

O imperativo é interpretado como um modo verbal marcado pelo ato ilocutório diretivo (SEARLE, 1969 *apud* FARIA 2006, p. 73-74). Além da função pragmática concretizada através da diretividade do ato ilocutório capaz de incutir-lhe os valores semânticos de ordem, pedido, sugestão (CUNHA; CINTRA, 1985), o modo imperativo é caracterizado por traços morfossintáticos específicos, cf. Mateus, Brito & Faria (2003). Assim sendo, atentemos para a discussão dos padrões morfológicos e sintáticos (CARDOSO, 2006; SCHERRE, 2007) que imprimem tal valor ilocutório.

Do ponto de vista morfológico, admitimos que as construções imperativas resguardam sua expressão estrutural através das formas verbais no indicativo sem o morfe [-s] para a expressão do imperativo verdadeiro tanto em relação à 2SG (1), quanto no que se refere à 2PL (2) no período trovadoresco da língua portuguesa, cf. discutido por Favaro (2016, p. 122). Optamos, neste texto, por expor em itálico os dados das construções imperativas de 2SG.

- (1) “Sennor, ¹*acorre* a tua coitada” (CSM 16, v.58)
- (2) “Varões, ²*levade*-a já fora da vila cab’ o camião [...]” (CSM 255, v.98-100)

Em termos sintáticos, interpretamos que as construções imperativas podem se deixar evidenciar de forma mais transparente não só através da expressão nula do sujeito (3) cf. Cardoso (2006), mas também através da forma verbal subjuntiva na oração independente (4), considerando a prevalência do *você* para a referência ao sujeito de 2SG na comunidade idiomática do PB atual.

- (3) *Faz* a lição de casa.
- (4) *Faça* a lição de casa.

Em síntese, assumimos as seguintes generalizações morfossintáticas responsáveis por garantir a força ilocucionária diretiva às construções imperativas de 2SG:

¹ A forma verbal “acorre” está no sentido de “socorrer”.

² A forma verbal “levade” está no sentido de “levar”.

(i) nas construções imperativas de 2SG, a regra variável se deixa evidenciar na alternância entre formas de indicativo (5a) e de subjuntivo (5b) como uma das consequências da inserção do *you* no paradigma pronominal do PB, responsável por anular a distinção formal entre as expressões do imperativo de 2ª e 3ª pessoas do singular (5);

(5)³ “*Vem* pra Caixa você também. *Vem!*”

(5a) “*Vem* pra Caixa tu também. *Vem!*”

(5b) “*Venha* pra Caixa você também. *Venha!*”

(ii) o emprego de formas verbais indicativa ou subjuntiva combinadas ao sujeito pronominal de 2SG nulo, em (6) e (7), ou pleno, em (8), constituem aspectos sintáticos que tendem a assegurar ao imperativo gramatical tal especificidade ilocutória.

(6) “[...] *Pede* a Deos minha Filha pela saude de teu Pae. Reconheço que a minha existência é necessaria ao bem dos nossos. [...] a Rozinha tem havido demora sendo provavel que a esta hora já Você_{su} tenha recebido.” (Carta de você-sujeito. JPF. RJ, 16.07.1879.)

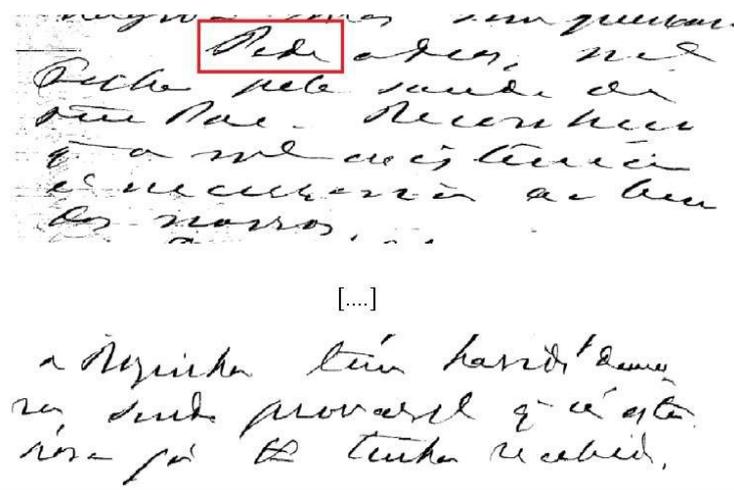
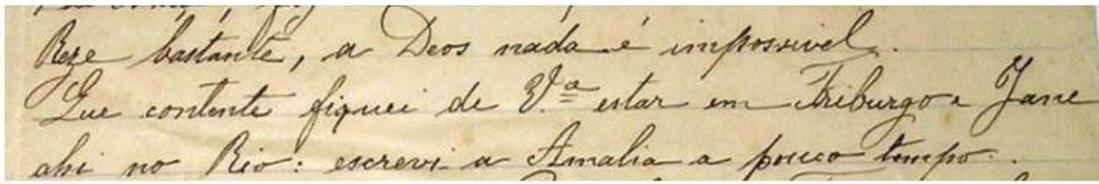


Figura 1: Trechos do fac-símile de missiva redigida por JPF. RJ, 16.07.1879.

(7) “[...] Reze bastante, a Deos nada é impossivel [...] Que contente fiquei de Você_{su} estar em Friburgo e Jane ahi no Rio: escrevi- a Amalia a pouco tempo. [...] Quando poder me mande um terço, que seja forte. [...] Sempre que poder me escreva. [...] *Recebe* o coração affectuoso e um terno osculo desta [...]” (Carta de você-sujeito. MLPCAM. PE, 28.01.1933)

³ Texto propagandístico amplamente divulgado no espaço midiático brasileiro.



[...]

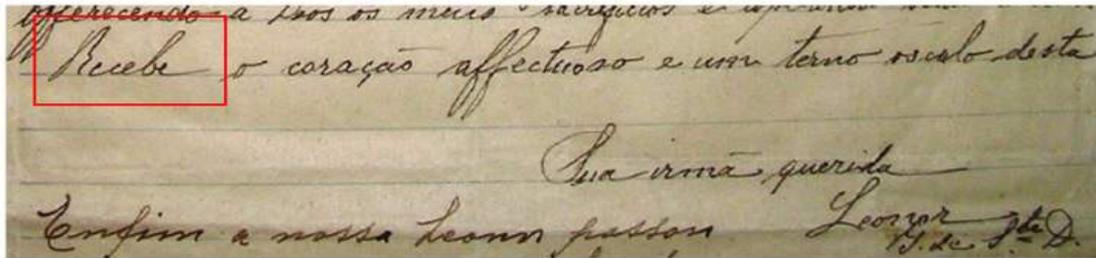
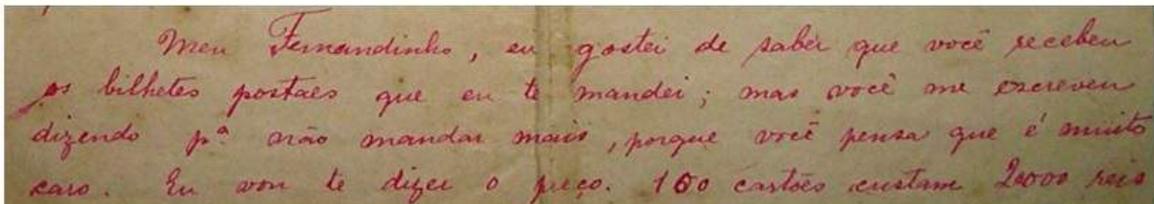
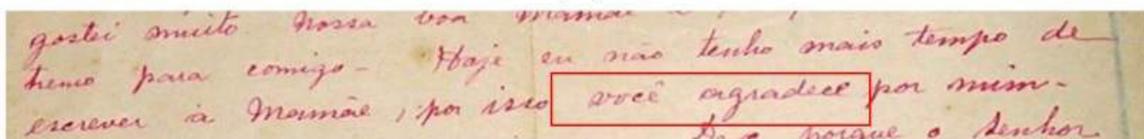


Figura 2: Trechos do fac-símile de missiva redigida por MLPCAM. PE, 28.01.1933.

- (8) “Meu Fernandinho, eu gostei de saber que você_{SUJ.} recebeu os bilhetes postaes que te mandei; mas você_{SUJ.} me escreveu dizendo para não mandar mais, porque você_{SUJ.} pensa que é muito caro. [...] Hoje eu não tenho mais tempo de escrever á Mamãe, por isso você_{SUJ.} agradece por mim. [...] Que alegria quando eu voltar Padre para o Brasil, não é? Mamãe, Papae Papae Pedreira, todos ficarão contentíssimos, não achas_{SUJ.}?” (Carta de alternância tu/você-suj. Pe. J. Paris, 15.10.1905.)



[...]



[...]

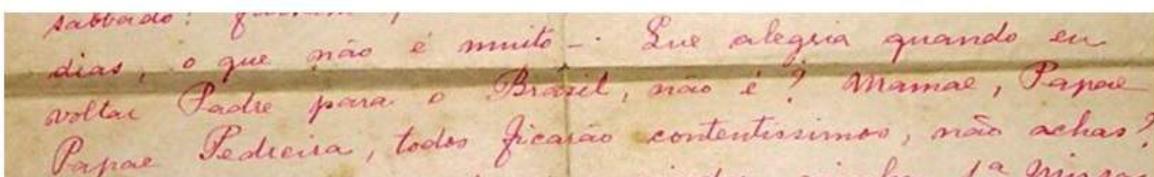


Figura 3: Trechos do fac-símile de missiva redigida por Pe. J. Paris, 15.10.1905.

Observemos que as construções imperativas estruturadas através das formas verbais *pede* (6), *recebe* (7) e *agradece* (8), formalmente vinculadas ao paradigma pronominal de *tu*, apresentam-se como evidências do imperativo abrazeirado em fins do século XIX (1879) e na 1ª metade do século XX (1905 e 1933) como ilustramos também através dos excertos de seus fac-símiles expostos, respectivamente, nas Figuras 1, 2 e 3.

Uma vez expostos os parâmetros morfossintáticos responsáveis por salvaguardar o valor diretivo das construções imperativas de 2SG, passamos à discussão dos princípios da sociolinguística histórica condutores desta análise voltada para sincronias passadas do PB.

3 Fundamentação teórico-metodológica: os pressupostos da sociolinguística histórica

Considerando que as línguas humanas configuram-se não só estruturalmente, cf. previa Saussure 2008 [1915], mas também socialmente, assumimos que as suas evidências de expressão variável podem ser descritas e analisadas nos níveis estrutural e social numa dinâmica de heterogeneidade ordenada. Deixamo-nos guiar pela ideia de que os potenciais de variação e mudança linguística atuantes na atual sincronia do PB já se manifestaram em suas sincronias pretéritas (*The uniformitarian principle*), cf. Labov (1994, p. 21). Nesse sentido, ao assumirmos o princípio do uniformitarismo da mudança linguística, adotamos o presente como ponto de partida para a apreensão e interpretação da expressão variável do imperativo de 2SG em sincronias passadas como uma evidência explícita do paradoxo diacrônico (*Historical paradox*), cf. Labov (1994, p. 11), ou seja, propomos, neste texto, uma análise que admite o presente como o ponto de partida para uma incursão ao passado do PB (séculos XIX e XX).

Ao voltarmos o foco para o passado, a justeza das generalizações acerca de realidades linguísticas pretéritas está diretamente vinculada à fidedignidade das fontes históricas em relação ao momento histórico que representam. Ao linguista-pesquisador cabe o trabalho de compor as suas próprias amostras de textos históricos, o que lhe exige atenção redobrada em relação ao “problema dos filtros” (ROMAINE, 2010), visto que as interpretações teóricas acerca de realidades linguísticas pretéritas embasam-se em textos históricos remanescentes no interior dos arquivos públicos e privados (CONDE SILVESTRE, 2007; ROMAINE, 2010; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012). Tendo em vista que a descrição e a análise de realidades linguísticas passadas dependem

dos registros escritos que resistiram à ação do tempo, cabe também ao linguista-pesquisador a capacidade de separar traços da língua oral que tendam a misturar-se com traços da língua escrita (AGUILLAR, 1998).

Nesse sentido, a fim de selecionar, levantar e organizar amostras homogêneas de textos históricos (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012, p. 63), cuidando não só da identificação da origem (brasileira ou portuguesa) do autor do texto histórico (através da análise linguístico-paleográfica da tinta que escorre da pena do escrevente, cf. Tarallo, 1993), mas também da reconstrução, o mais completa possível, do perfil social desse informante (*filiação, idade, nível de escolaridade, profissão*) com base na metodologia discutida por Lima, Marcotulio e Rumeu (2019), Rumeu (2013), Hernández-Campoy e Schilling (2012), Lobo (2001), passamos à descrição do método de trabalho com textos históricos do PB.

4 O trabalho com amostras linguísticas históricas: as missivas pessoais em foco

A reconstrução da língua portuguesa de sincronias passadas passa pelo processo de levantamento e análise de amostras remanescentes, tendo sempre em vista os traços de hipercorreção, mistura dialetal e “erros” do escriba (LABOV, 1994, p. 11) que poderiam se confundir com os traços fidedignos de uma dada realidade linguística pretérita. Acrescente-se a isso também o fato de que, em amostras históricas, só termos acesso aos dados positivos, ou seja, aos dados evidentes nos registros escritos. Some-se a isso também o fato de que aos traços grafo-fonéticos, grafológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do PB escrito em sincronias passadas o linguista-pesquisador somente tem acesso indireto através dos textos escritos.

Tendo em vista que uma investigação sociolinguística numa perspectiva histórica só pode se valer essencialmente de *corpora* escritos, é preciso ponderarmos acerca do(s) gênero(s) e subgênero(s) textual(is) mais propícios à revelação do vernáculo do PB. Considerando o modelo de Koch e Oesterreicher (1985, 1994 *apud* ELSPASS, 2012), assumimos os gêneros textuais do meio escrito no *continuum* delineado entre os polos dos textos do ‘imediatismo’, como uma conversa íntima, e da ‘distância’, tal como um contrato em termos legais. Isso posto, a fim de identificar traços de variação e mudança em sincronias passadas, entendemos que o gênero textual *carta pessoal* e os seus subgêneros *familiares, amorosas e de amizade* estejam mais próximas da “língua do imediatismo” por permitirem evidenciar traços linguísticos do vernáculo do PB. Assim sendo, optamos por

levantar evidências históricas das construções imperativas de 2SG em cartas pessoais que como um gênero textual movido pelo caráter dialógico e íntimo das relações familiares, amorosas e de amizade tendem a expor traços da oralidade do PB.

Considerando que cabe ao linguista-pesquisador manter um posicionamento ético e responsável perante a sua pesquisa, descreveremos mais especificamente três parâmetros (*autoria, autenticidade e validade social e histórica*) que tendem a orientar os resultados das análises linguísticas embasadas em amostras linguísticas históricas (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012). Entendemos a impossibilidade de realizar para os estudos de sociolinguística histórica a mera transposição da metodologia variacionista de base laboviana, pois as fontes documentais disponíveis que chegam às mãos do investigador histórico costumam ser “fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis com a produção real de seus falantes” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35). Faz-se necessário, por outro lado, a construção de uma metodologia para o levantamento e análise dos estudos no âmbito da sociolinguística (RUMEU, 2013; LOBO, 2001). Para esta análise, trouxemos à tona 226 missivas pessoais que evidenciam as relações amorosas (14 cartas), familiares (165 cartas) e de amizade (47 cartas) entre os missivistas. Trata-se de cartas redigidas por cariocas cultos no exercício de atividades educacionais, religiosas, políticas, intelectuais e de secretariado público levantadas no interior do Arquivo Nacional (RJ) e do Acervo dos Escritores Mineiros (UFMG). Optamos, neste texto, por proteger a identidade dos missivistas cujas cartas estão em análise, retomando-as a partir das letras iniciais de seus nomes. Isso posto, passaremos a uma breve abordagem dos parâmetros da *autoria, autenticidade e validade social e histórica* das amostras históricas.

A questão da *autoria* dos textos escritos está voltada para a acurada certificação acerca da autoria das amostras históricas. Isso quer dizer que cabe ao linguista-pesquisador verificar se o texto foi escrito pela própria mão de quem o assina (texto autógrafa) ou se teria sido escrito por um punho distinto daquele de quem o assina (cópia de época ou não), ou seja, as análises no âmbito da sociolinguística histórica mantêm-se ancoradas também nos conhecimentos paleográficos numa perspectiva interdisciplinar ao processo de edição de *corpora* históricos. Neste trabalho, priorizamos o levantamento, a transcrição e a análise de missivas pessoais (amorosas, familiares e de amizade) produzidas e assinadas por escreventes nascidos no espaço geográfico do Rio de Janeiro.

Ainda que as missivas pessoais apresentem traços de uma interação dialógica (ELSPASS, 2012, p. 162), a variação atestada nos *corpora* pode não retratar fidedigna-

mente o vernáculo do PB. A questão da *autenticidade* linguística discutida por Hernández-Campoy e Schilling (2012) deixa-se evidenciar também em função de o registro escrito estar mais propenso à expressão da norma-padrão, o que se expõe, por outro lado, nas evidências de possíveis hipercorreções, mistura dialetal e erros do escriba cf. Labov (1994, p.11). Assim sendo, cabe ao linguista-pesquisador não só atentar ao problema dos filtros, cf. Romaine (1982), mas também evidenciar reflexos do vernáculo do missivista. Acreditamos que as missivas amorosas, de amizade e familiares cariocas tendam a expor o vernáculo do PB dos séculos XIX e XX, visto que as temáticas exploradas nas cartas pessoais denotam a intimidade das interações travadas entre os missivistas. A autenticidade das cartas também não pode deixar de ser interpretada sem que consideremos o alto nível de escolaridade dos missivistas, ainda que o nível de intimidade das relações sociais seja clarividente e, portanto, muito promissor às análises linguísticas acerca da expressão da norma objetiva do PB (CUNHA, 1995) em sincronias passadas.

Nos estudos de sociolinguística histórica, faz-se necessária a reconstrução dos perfis sociais dos informantes, a fim de interpretarmos os padrões de variação em relação ao contexto social. No entanto, nem sempre a tarefa de assegurar a *validade social e histórica* da pesquisa é algo simples, tendo em vista que “geralmente sabemos muito pouco sobre a posição social dos informantes, e não mais acerca da estrutura social da comunidade”⁴ (LABOV, 1994). Voltando o foco especificamente para as cartas íntimas que embasam a análise dos dados deste trabalho, constatamos que os acervos pessoais de ilustres escritores se mostram como profícuas fontes de trabalho, já que o elevado prestígio social dos missivistas justifica o fato de missivas íntimas oitocentistas e novecentistas terem sido cuidadosamente resguardadas por largos períodos de tempo no interior de arquivos públicos e privados. Isso quer dizer que uma vez que as cartas pessoais tenham sido produzidas por renomados redatores, torna-se muito mais fácil reconstruirmos os perfis sociais dos escritores, assegurando a *validade socio-histórica* da pesquisa. Com o intuito de conferir validade socio-histórica à pesquisa sociolinguística, o processo de reconstrução da história de vida dos missivistas está intimamente relacionado ao fato de as cartas serem originais *autógrafas*, já que é com base em tal constatação de caráter linguístico-paleográfico que se passa a ter certeza acerca da *autoria* e, conseqüentemente, da *validade social e histórica* do manuscrito.

⁴ “we usually know very little about the social position of the writers, and not much more about the social structure of the community”.

Uma vez expostos os parâmetros de levantamento das amostras de missivas históricas, passamos à análise geral das construções imperativas de 2SG especificamente correlacionadas às opções de pronome-sujeito também de 2SG.

5 As construções de imperativo de 2SG: a alternância entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas

Tendo em vista a expressão variável das construções imperativas de 2SG, passamos aos resultados gerais relacionados à expressão do modo imperativo vinculado às formas de indicativo (*tu*) e às formas de subjuntivo (*você*). Inicialmente, trazemos os resultados estatísticos da rodada geral dos dados (*make cell*) em função da seguinte variável dependente: construção imperativa associada ao indicativo (*tu*). Em termos metodológicos, os dados de imperativo de 2SG levantados em 226 cartas pessoais (1860-1989) foram submetidos ao programa Goldvarb para a expressão dos efeitos estatísticos (Tabela 1) da regra variável em análise (imperativo de *tu* ou imperativo de *você*) nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas.

Tabela 1: Distribuição geral dos dados de imperativo de 2SG nas cartas cariocas.

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG	
INDICATIVO (TU)	SUBJUNTIVO (VOCÊ)
290/732	442/732
(40%)	(60%)

Em termos gerais, observamos uma significativa alternância entre a opção pelas formas subjuntivas, em 60% dos dados (442 ocorrências), e pelas formas indicativas, em 40% (290 ocorrências), em relação ao total de 732 construções imperativas de 2SG analisadas nas cartas oitocentistas e novecentistas em cena, tendo em vista a discussão de Diniz (2017)⁵ que, por sua vez, confirma os resultados de Rumeu (2016)⁶ e infirma os resultados de Silva (2017)⁷. Passamos à distribuição dos dados das construções imperati-

⁵ Diniz (2017) levantou 732 estruturas de imperativo de 2SG com base na análise de 226 cartas produzidas entre os anos 1872 de 1980 pelos missivistas da família Pedreira-Ferraz Magalhães e pelos seguintes escreventes cariocas: Cecília Meireles, Carlos Lacerda, João de Almeida Lisboa, Marques Rebello e Stella Leonardos.

⁶ Rumeu (2016) levantou 545 estruturas de imperativo de 2SG com base na análise de 170 cartas pessoais trocadas entre os membros da família Pedreira-Ferraz Magalhães entre os anos de 1872 e 1948.

⁷ Em Silva (2017, p.52), temos os seguintes resultados para as construções imperativas nas 524 cartas pessoais cariocas oitocentistas e novecentistas de distintas famílias cariocas (1857-1980): 50,8% (400/787) para o imperativo indicativo (paradigma de *tu*) e 49,2% (387/787) para o imperativo subjuntivo (paradigma de *você*).

vas de 2SG vinculadas aos pronomes-sujeito nas cartas cariocas analisadas.

5.1 As construções imperativas correlacionadas aos pronomes-sujeito de 2SG: distribuição geral dos dados

A análise da correlação entre as construções imperativas associadas ao indicativo ou ao subjuntivo e as formas pronominais usadas para a referência ao sujeito de 2SG é orientada pelo intuito de verificarmos se as estruturas imperativas de *tu* (indicativo) ou de *você* (subjuntivo) acompanhariam ou não as escolhas tratamentais na posição de sujeito das cartas (*tu-sujeito*, de *você-sujeito* e de alternância *tu/você*). Nesse sentido, pretendemos também testar a hipótese de que o *você* tenha avançado, gradual e paulatinamente, pelos espaços funcionais do *tu*, cf. já amplamente discutido por Cardoso (2006), Lopes e Cavalcante (2011), Rumeu (2013).

Tabela 2: Distribuição das construções imperativas em relação ao contexto de sujeito de 2SG nas cartas cariocas.

SUJEITOS DE 2SG	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
Cartas de <i>tu</i> e <i>você</i> (sujeito 2SG)	85/191 (45%)	106/191 (55%)	191/732 (26%)
Cartas de <i>você</i> (sujeito 2SG)	44/310 (14%)	266/310 (86%)	310/732 (42%)
Cartas de <i>tu</i> (sujeito 2SG)	161/230 (70%)	69/230 (30%)	230/732 (31%)
Cartas de FNT ⁸ (sujeito 2SG)	-	01/01 (100%)	01/732 (01%)
TOTAL	290/732 (40%)	442/732 (60%)	732/732 (100%)

Com base na análise da distribuição geral dos dados de imperativo de 2SG correlacionados ao contexto de sujeito, constatamos que, de um modo geral, seja a opção pelo indicativo (*tu*), seja a opção pelo subjuntivo (*você*) parece ter acompanhado o *pronomes-sujeito*, assumindo uma configuração de simetria entre as estruturas sintáticas imperativas e as não-imperativas de 2SG. Pormenorizando a análise, observamos, nas cartas de *você-sujeito*, a preferência por construções imperativas estruturadas com o subjuntivo (86%, 266/310), ao passo que prevalecem, nas cartas de *tu-sujeito*, as construções imperativas associadas ao indicativo (70%, 161/230). Em (9) e (10), ilustramos algumas construções imperativas associadas ao subjuntivo e ao indicativo em contextos de *você-sujeito* e de *tu-sujeito*, respectivamente.

⁸ Leia-se “FNT” por “forma nominal de tratamento”.

- (9) “[...] Naotinho recebido letras suas, mas como Você_{sujeito} tem podido ser mais frequente em a estimavel correspondencia com a vossa mãe e irmã [...] Nas suas orações ao Alto *recommende* sempre o Pae que é tam amigo seu [...]” (JPCF. RJ, 20.05.1886.)
- (10) “[...] *Fazi* com que o teu marido e Pae não me mandem o carro sem animal de montaria porque temos logo no dia seguinte precisão de que os muares estejam vigorosos para conduzir nos. [...] Já encommendei as velas bentas que me pediste_{sujeito}. [...]” (JPCF. RJ, 05.02.1877.)

Constatamos um intenso nível de alternância entre as construções imperativas associadas ao subjuntivo (55%, 106/91) e ao indicativo (45%, 85/191). Ainda que a produtividade das cartas mistas não tenha sido tão alta, apenas 26% dos dados (191/732), pareceu-nos interessante o fato de justamente o contexto de variação entre as formas *tu/você* para a referência ao sujeito de 2SG ter funcionado como o contexto de maior produtividade do *imperativo abraçileirado*, o que pode ser interpretado como uma evidência para a comprovação da hipótese de Lopes (2007, p.104) acerca da inserção do *você* no quadro pronominal do PB ter repercutido no modo imperativo. Em síntese, temos mais evidências do *imperativo abraçileirado* (sujeito *você* em contexto de imperativo associado ao indicativo) nas cartas de alternância *tu/você* (45%, 85/191) e de *você-sujeito* (14%, 44/310), reforçando a hipótese de a inserção do *você* refletir-se também nas construções imperativas de 2SG. Nas cartas cariocas de *você-sujeito*, ilustramos, de (11) a (14), especificamente, o *imperativo abraçileirado*.

- (11) “[...] *Immagina* que consolação! [...] Essa nota Você_{sujeito} achará graça [...]” (MLPCAM. PE, 11.06.1920.)
- (12) “[...] Mano, se voce_{sujeito} pudesse me arranjar um d’esse aparelho de ouvir melhor como Mámãe deu a Amalia eu ficaria muito contente e nossa Madre pagaria a importancia. [...] Já emprimiram a terceira edição da beographia de Mamãe? se não *ve* se me arranja uns esemplares [...]” (MBPCAM. SP, 28.12.1926.)
- (13) Mande-me dizer se você_{sujeito} nasceu 85 ou 86. [...] Amanhã vou comeeçar uma novena á Santo Ignacio; as suas intencções estaram de certo. *Tem* todo o cuidado comsigo, para melhor poder louvar a Nosso Senhor. [...]” (MLPCAM. 21.07.1926.)
- (14) Si faltar volumes você_{sujeito} peça ao Caio mas não deixe de mandar para todos. Vou comeeçar a fazer força para o Premio Felipe de Oliveira. Para o Gulhermino você_{sujeito} *repara* que eu mandei na lista manuscrita. [...]” (MR. RJ, 26.10.1947.)

Nas construções imperativas de *tu-sujeito*, ainda que a preferência dos cariocas tenha sido por construções imperativas associadas ao indicativo (70%, 161 oco), como identificamos em (15). Observamos que, em 30% dos dados, a opção foi por estruturar o imperativo com formas de subjuntivo, cf. está ilustrado em (16).

(15) “[...] Acabando tu_{sujeito} de ler esta carta – dá beijos em ambos por mim, e dá um abraço em teu marido que eu mando [...]” (JPCF. RJ, 08.11.1878.)

(16) Já encomendei as velas bentas que me pediste_{sujeito}. Tudo quanto é desejo teu, tome como desejo meu e só dezoje (agora é verbo) imediatamente realizar. [...]” (JPCF. RJ, 05.02.1877.)

A ocorrência de estrutura imperativa de 2SG vinculada ao subjuntivo em carta cuja referência ao interlocutor deu-se unicamente através da forma nominal de tratamento “Minha querida Diná” (17). Nessa sentença, não houve dados de referência pronominal ao sujeito quer por *tu* (nulo ou pleno), quer por *você*, mas o sujeito de 2SG foi evocado através de uma FNT.

(17) “Minha querida Diná [...] Fique certa de que não sou homem de ficar satisfeito facilmente e tenho alergia à adulação. [...]” (CL. 13.12.1960.)

Em suma, confirmamos a hipótese de que, nas cartas cariocas, prevaleceu a tendência ao pronome-sujeito de 2SG influenciar as construções imperativas também de 2SG. Nesse sentido, observamos que, nas cartas de *tu-sujeito*, predominaram as construções de imperativo verdadeiro (70%), ao passo que, nas cartas de *você-sujeito* e nas cartas mistas (*tu/você-sujeito*), respectivamente, mostram-se profícuas as estruturas de imperativo supletivo (86%, 55%). Por outro lado, apesar de o imperativo supletivo, verificado em 55% dos dados, ter prevalecido em contexto de alternância *tu/você-sujeito*, esse índice percentual está levemente abaixo da média geral que, por sua vez, aponta para 60% de imperativo supletivo, o que pode sugerir o contexto de variação *tu/você-suj.* como um contexto também favorecedor do *imperativo verdadeiro* nas cartas cariocas analisadas.

5.2 O efeito probabilístico do pronome nominativo de 2SG sobre as construções de imperativo verdadeiro nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas

Considerando a descrição dos resultados gerais das construções de imperativo verdadeiro (*tu*) e supletivo (*você*) nas cartas cariocas analisadas, os contextos que se mostraram relevantes às construções de imperativo com formas de indicativo na respectiva ordem de triagem do Pacote de Programas Goldvarb foram os seguintes: (1) o sujeito

pronominal de 2SG (*tu, você, tu/você*),⁹ (2) a polaridade da estrutura imperativa,¹⁰ (3) a relação social entre os missivistas,¹¹ (4) os períodos das cartas,¹² (5) o paralelismo fônico e¹³ (6) o número de sílabas do verbo da construção imperativa em sua forma infinitiva. Ainda que tenhamos tido seis grupos de fatores¹⁴ selecionados pela rodada do Goldvarb no nível Varb do VARBRUL (VARiABleRULe) para a expressão dos pesos relativos da regra variável em questão, optamos por discutir, neste artigo, tão somente a influência do pronome nominativo de 2SG (1º grupo selecionado) em relação às construções imperativas de *tu* (indicativo) ou de *você* (subjuntivo). O valor de aplicação assumido para essa rodada como evidência de *stepping up* foi o indicativo associado às construções imperativas de 2SG. Essa escolha justifica-se não só pelo intuito de revelar evidências históricas do imperativo abrigado, já em sincronias passadas do PB, mas também de discutir a influência do pronome de referência ao sujeito de 2SG nas construções imperativas tam-

⁹ Em relação à polaridade da estrutura imperativa, Diniz (2017, p.144) observou que as sentenças afirmativas com índices percentual e probabilístico de 46% e 0.671 mostraram-se como contextos favorecedores às construções de imperativo associadas ao indicativo, comprovando a hipótese de Scherre (2007, p. 207) em relação às sentenças afirmativas como propulsoras desse tipo de estrutura imperativa.

¹⁰ No que se refere à relação social entre os missivistas, Diniz (2017, p.148) constatou que algumas das relações travadas no âmbito familiar (avô-neto (57%, 0.996), pai-filho (78%, 0.987), mãe-filho (89%, 0.973) e tio(a)-sobrinho(a) (80%, 0.636)) e no âmbito amoroso (43%, 0.801 para a relação marido-mulher) mostraram-se propícias às construções imperativas associadas ao indicativo (*tu*).

¹¹ Em relação aos períodos de escritura das cartas, Diniz (2017, p.150) evidenciou a primeira década do século XX (1900-1909) como o período de uma maior probabilidade de expressão das construções imperativas associadas ao indicativo com 0.679 (56%) que é, de certa forma, mantida e progressivamente incorporada, nas décadas de 20 e 30 do século XX, através dos elevados índices probabilísticos de 0.687 (47%) e 0.707 (34%), respectivamente.

¹² No que diz respeito ao paralelismo fônico, Diniz (2017, p.145-146) teceu as seguintes sínteses: (I) Verbos de 2ª e 3ª conjugações com oposição menos marcada (paradigma especial) favoreceram o imperativo na forma indicativa (0.621, 53%), cf. observado por Scherre (2004) especificamente em contexto discursivo de *você* nos diálogos da Turma da Mônica e também retomados por Scherre (2007) em relação aos condicionamentos da variação do imperativo no PB; (II) Verbos de paradigma irregular cuja oposição é mais marcada (*diz/diga, vê/veja, sê/seja*) favoreceram o imperativo com forma verbal indicativa (0.575, 44%); (III) Verbos da 1ª conjugação com vogal precedente mais aberta [+aberta] (0.484, 32%) pareceram assumir uma influência intermediária em relação ao favorecimento do imperativo de 2SG associado ao indicativo, ao passo que os verbos da 1ª conjugação com vogal precedente menos aberta [-aberta] (0.420, 43%) pareceram inibir as construções imperativas associadas ao indicativo; (IV) Verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações cujos paradigmas são mais marcados (0.244, 33%) e verbos irregulares cuja oposição é menos marcada (0.237, 29%) desfavoreceram fortemente as construções imperativas com o indicativo nas cartas cariocas analisadas.

¹³ Tendo em vista o número de sílabas do verbo em sua forma não-finita Diniz (2017, p.147) assumiu que os verbos polissílabos (0.718, 53%) e trissílabos (0.609, 47%) mostraram-se favorecedores do indicativo nas construções imperativas de 2SG das cartas cariocas. Por outro lado, os monossílabos (0.468, 43%) e os dissílabos (0.396, 31%) evidenciaram, respectivamente, efeitos intermediário e desfavorecedor, o que encontra, em parte, respaldo nas considerações de Scherre (2007), tendo em vista a força *intermediária* interpretada por Scherre *et alii* (2000, p.1339) para os verbos dissílabos (82%, 0.47) e trissílabos (78%, 0.45), ao passo que para os verbos monossílabos (91%, 0.86) Scherre *et alii* assumiram tratar-se de um contexto favorecedor à aplicação do indicativo nas construções imperativas.

¹⁴ O *input* de seleção foi 0.050.

bém de 2SG (*vem* (tu) *versus venha* (você)). O alto nível de significância conferido pelo programa computacional Goldvarb ao pronome nominativo de 2SG (primeiro grupo selecionado cujo nível de significância foi .000 no processo de *stepping up*) mostra a expressividade do pronome-sujeito que parece mesmo ter motivado as construções imperativas de 2SG, cf. já discutido por Rumeu (2016) e por Diniz (2018).

Tabela 3: O efeito do pronome nominativo de 2SG (em cartas de *tu-suj.*, em cartas de *você-suj.* e em cartas de *tu/você-suj.*) sobre as construções de imperativo com formas de indicativo.

SUJEITOS PRONOMINAIS DE 2SG	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (INDICATIVO)	
	OCORRÊNCIAS (%)	PESOS RELATIVOS
Cartas de <i>tu-sujeito</i>	161/230 (79%)	0.897
Cartas de <i>tu e você-sujeito</i>	85/191 (45%)	0.464
Cartas de <i>você-sujeito</i>	44/310 (14%)	0.180
TOTAL	290/731 (40%)	

Em termos gerais, constatamos que as cartas de *tu-sujeito exclusivo* (primeiro grupo de fatores estruturais selecionados pelo Goldvarb) com o peso relativo de 0.897 (79%) apresentam-se como um proficiente contexto de implementação das construções imperativas vinculadas ao indicativo, cf. ilustramos em (18) e (19).

- (18) “[...] *Fortifica-te* portanto, para mais tarde poderes_{suj.} arrastar com vantagem os embates [...]” (JCAM. RJ, 18.12.1896.)
- (19) “[...] Meu filho por tudo, e até por aquelle pensamento do Nencio *atende* aos meus conselhos. *Sê* prudente, *conserva-te* n’uma posição superior [...]” (ZPAM. RJ, 06.07.1919.)

Por outro lado, também é possível constatar, com índices percentual e probabilístico – 45% e 0.464 – que os contextos de variação *tu* e *você* na função de sujeito de 2SG, cf. observamos em (20) e (21), parecem influenciar intermediariamente a aplicação da regra de expressão do imperativo associado ao indicativo, tendo em vista também o fato de a produtividade do indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito* (45%) ter se mostrado acima da média geral (40% = 290/731) nessa rodada da regra variável em análise.

- (20) “[...] Veja se você_{suj.} pode ir ao Rio. [...] Espero, querida, e *confia* em nós. Em ti, que és_{suj.} dona do mundo, pela sua mocidade invencível, em mim, que sou

uma coisa tua, um amigo, um companheiro, um homem que precisa do teu amor. E sou o mesmo que você_{sujeito} conheceu [...]” (CL. 25.06.1937.)

- (21) por ahi Você_{sujeito} vê minha amizade por meu irmão. *Recebe* lembranças de Don Oreste Dona Agusta e do pobre quin tero Don Juan. Quando visite o tumulto de nossa santa mãe não te esqueças_{sujeito} de pedir pelas minhas intenções. [...] Pasei a manhã muito agradável escrevendo a *Você* parece que estavas_{sujeito} aqui.” (MRPCAM. La plata, 01.02.1948.)

Interessante é o fato de o contexto de alternância *tu/você*-sujeito (*cartas mistas*) ter se mostrado como um condicionamento que tende moderadamente a impulsionar as construções imperativas associadas ao indicativo, evidenciando o imperativo abrasileirado em amostras históricas do PB escrito entre fins do século XIX e o século XX.

6 Considerações finais

Antes de passarmos a algumas generalizações acerca da expressão variável do imperativo de 2SG, é importante esclarecermos que as análises linguísticas consubstanciadas em amostras históricas imprimem restrições às generalizações finais, tendo em vista o desequilíbrio não só entre os subgêneros das missivas pessoais (amizade, amor, familiar), mas também em relação à quantidade de missivas produzidas por homens e mulheres em todas as faixas etárias (juventude, adulez e senilidade). Passemos a algumas generalizações vinculadas às questões e às hipóteses assumidas nas considerações iniciais deste texto.

Prevaleceram, nas cartas oitocentistas e novecentistas analisadas, as construções imperativas estruturadas com formas de subjuntivo (60% dos dados, 442/732). Essa constatação coaduna-se às expectativas iniciais, considerando não só o fato de as evidências de *você-sujeito* terem sido mais profícuas e, conseqüentemente, o subjuntivo nas construções imperativas, mas também o fato de as missivas terem sido escritas por representantes da norma-padrão (redatores cultos), mesmo em interações marcadas pelo tom de intimidade das missivas. Ainda que a ideia seja a de que, em fins do século XX, os cariocas preferem as construções imperativas associadas ao indicativo (SAMPAIO, 2001, p. 61-62), averiguamos a preferência dos missivistas cariocas pelas construções imperativas associadas ao subjuntivo, acompanhando a forma nominativa para a referência ao sujeito de 2SG (*você*). Essa constatação não nos causa estranhamento, se trouxermos à cena o fato de que, entre fins do século XIX e o decorrer do século XX, o *você* tenha avançado pelos espaços funcionais do *tu* no espaço carioca, cf. Cardoso (2006), Lopes e Cavalcante

(2011), Souza (2012), Rumeu (2013), Rumeu (2016), Silva (2017).

As construções imperativas vinculadas às formas de indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito* (cartas mistas) parecem evidenciar uma influência intermediária, em termos probabilísticos, na aplicação da regra variável em análise (0.464, 45%, 85/191). Acreditamos ser uma evidência sintomática da repercussão da inserção do *você* no sistema pronominal (LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011) o fato de justamente as cartas em que *tu* e *você* alternam na referência ao sujeito de 2SG figurarem como o contexto que tende a projetar, ainda que moderadamente, as construções de imperativo genuinamente brasileiras, cf. Paredes Silva *et alii* (2000), Scherre (2007).

Nesse sentido, constatamos o contexto de sujeito pronominal de 2SG como a variável linguística mais importante para a aplicação das construções imperativas associadas ao indicativo. Acrescentemos ainda o fato de que são justamente as cartas mistas, ou seja, as cartas em que o *você* também se expõe (cartas mistas, *tu/você-suj.*) que funcionam como um contexto que parece já apontar rastros históricos do imperativo abrigado no século XIX, dialogando assim também com os resultados de Rumeu (2016, p.322) em relação às cartas cariocas oitocentistas e novecentistas.

Referências

- ALVES, G. C. **Aspectos do uso do imperativo na linguagem oral do pessoense**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.
- ALVES, A. P. O.; ALVES, J.S. **A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador**. Salvador: Faculdades Jorge Amado, 2005.
- AGUILLAR R. C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI. In: OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (Ed.). **Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII**. Tübingen: Narr, 1998. p. 219-242.
- BONFÁ, C. R. Z.; PINTO, I.A.; LUIZ, I. **Imperativo: uma comparação entre Lages e Florianópolis**. Florianópolis: UFSC/CEP, 1997. (Série de Estudos Diacrônicos).
- BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, M. H. M. *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 433-506.
- CARDOSO, D. B. B. O imperativo gramatical no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, 2006, v. 14, n. 2, p. 317-240.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1985].

- CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos. 2007.
- CUNHA, C. **A Questão da Norma culta**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1985.
- DINIZ, J. S. **A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro**: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ELSPASS, S. The Use of Private Letters And Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2012. p. 156-169.
- FARACO, C. A. **The imperative sentence in Portuguese**: a semantic and historical discussion. Thesis (PhD in Modern Languages) – University of Salford, Salford, 1982.
- FARIA, I. H. O uso da linguagem. In: MATEUS, M. H. M. *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006. p.55-84.
- FAVARO, G. S. **Estudo morfológico das formas verbais do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria**. Tese de Doutorado – Unesp/Araraquara, 2016.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2014.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2012, p. 63-79.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**: Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994, v. I.
- LIMA, A. X.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. Experiências metodológicas em constituição de *corpora*: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.). **História do português brasileiro: corpus** diacrônico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019, v. 2, p. 68-91.
- LOBO, T. C. F. **Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX**. Volume II. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.
- LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (orgs). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.
- LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S.O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. In: **Linguística**. 2011, v. 25, p. 30-65.

MENON, O. P. S. **O imperativo no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1984.

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G.; RIBEIRO, T. Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo. **Revista Gragoatá**, UFF, v. 9, n. 9, p. 115-123, 2000.

PEDROSA, J. L. R. Concordância verbal com o pronome ‘tu’ na fala pessoense. In: **CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2**. Anais... Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press. New York. 2010 [1982].

RUMEU, M. C .B. **Língua e sociedade: a história do pronome ‘você’ no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

RUMEU, M. C. B. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. **Signum: Estudos da Linguagem**, 2016. v. 19, p. 310-341.

SAMPAIO, D. A. **Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Editora Cultrix. 2008 [1915].

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**. 2007, v. 51, n. 1, p. 189-222.

SILVA, E. N. **Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOARES, M. E. S. **As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

SOUZA, J.P.F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’ aquém e d’ além mar ao final do século XIX. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105.



Data de submissão: 29/11/2018

Data de aceite: 11/09/2019